



Bela
Maldade





*Bela
Maldade*



Rebecca James

Tradução de
Maria Luiza X. de A. Borges



Copyright © 2010 Rebecca James

TÍTULO ORIGINAL
Beautiful Malice

PREPARAÇÃO
Anna Távora

REVISÃO
Clarissa Peixoto
Alice Bicalho

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE CAPA
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29b James, Rebecca, 1970-
Bela maldade/ Rebecca James ; tradução de Maria Luiza Borges. - Rio
de Janeiro : Intrínseca, 2011.

Tradução de: Beautiful malice
ISBN 978-85-8057-081-6

1. Afiliação - Ficção. 2. Segredos - Ficção. 3. Amizade - Ficção. 4. Romance australiano. I. Borges, Maria Luiza X. de A. (Maria Luiza Xavier de Almeida), 1950-. II. Título.

11-4850.

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Parte um

Não fui ao enterro de Alice.

Eu estava grávida na época, enlouquecida e desesperada de dor. Mas não era por Alice que eu sofria. Não, eu a odiava naquele momento e estava satisfeita com a morte dela. Era Alice quem tinha arruinado a minha vida, tomado a melhor coisa que eu já tivera, para estilhaçá-la irreparavelmente em um milhão de pedaços. Eu não chorava por ela, mas por causa dela.

No entanto, agora, quatro anos depois e infinitamente mais feliz, enfim acomodada numa vida confortável e rotineira com minha filha Sarah (minha doce e muito séria Sarah), de vez em quando sinto que, afinal de contas, eu deveria ter ido ao enterro de Alice.

O problema é que às vezes eu a vejo — no supermercado, no portão de entrada do jardim de infância de Sarah, no clube ao qual ocasionalmente eu e Sarah vamos para uma refeição barata. Com o canto do olho, capturo vislumbres do cabelo brilhante, cor de milho, de Alice, do corpo de modelo, das roupas chamativas, e paro para olhar, com o coração aos pulos. Levo apenas um instante para lembrar que ela está morta e enterrada, que não pode ser ela, mas tenho de me forçar a chegar mais perto, a me certificar de que seu fantasma não está me assombrando. De perto, essas mulheres de vez em quando se parecem, se bem que nunca, nunca

são tão bonitas quanto Alice. O mais comum, porém, é que não tenham qualquer semelhança com ela.

Aliviada, afasto-me e retomo o que estava fazendo antes, mas todo o calor terá se esvaído do meu rosto, de meus lábios; as pontas de meus dedos estarão formigando desagradavelmente, devido à adrenalina. Sempre é a ruína de meu dia.

Eu deveria ter ido ao enterro. Não teria precisado chorar nem fingir desespero. Poderia ter rido amargamente ou cuspidado na cova. Quem se importaria? Se eu ao menos tivesse visto baixarem o caixão à sepultura, jogarem terra no túmulo, teria mais certeza de que ela realmente está morta e enterrada.

Eu saberia, no meu íntimo, que Alice desapareceu para sempre.

— Você quer ir? — Alice Parrie olha para baixo, sorrindo. É hora do almoço, e estou sentada sob uma árvore, sozinha, absorta num livro.

— Perdão — levanto a cabeça, a mão protegendo os olhos.

— Ir aonde?

Alice me entrega uma folha de papel.

Eu a pego e leio. É uma cópia vistosamente colorida de um convite para a festa de aniversário de 18 anos dela. *Venha você e venham todos! Tragam seus amigos!*, está escrito. *Champanhe de graça! Comida de graça!* Só uma pessoa tão popular e autoconfiante como Alice distribuiria um convite assim; outra mais comum teria a impressão de estar mendigando convidados. Por que eu?, pergunto-me. Sei quem é Alice, todo mundo sabe quem ela é, mas nunca tínhamos nos falado. É uma dessas meninas bonitas, populares, inesquecíveis.

Dobro o convite ao meio e inclino a cabeça.

— Vou tentar. Parece que vai ser divertido — minto.

Alice me olha por alguns segundos. Depois dá um suspiro e se deixa cair abruptamente junto de mim, tão perto, que apoia um joelho pesadamente contra o meu.

— Você não vai — diz, sorrindo.

Sinto minhas bochechas corarem. Embora toda a minha vida às vezes pareça uma fachada, uma caixa cheia de segredos, não sou boa em mentir. Baixo os olhos para o meu colo.

— Provavelmente não.

— Mas eu quero que você vá, Katherine — diz ela. — Isso realmente significaria muito para mim.

Estou surpresa até mesmo de Alice saber meu nome, mas é ainda mais surpreendente — na verdade, quase inacreditável — que ela queira que eu vá a sua festa. Sou praticamente desconhecida no colégio Drummond e não tenho amigos. Vou e venho em silêncio, sozinha, e cuido de meus estudos. Tento evitar chamar a atenção. Sou uma aluna razoável, mas minhas notas não são excepcionais. Não pratico nenhum esporte, não me associei a clube algum. E, embora saiba que não posso fazer isso para sempre — viver minha vida inteira como se fosse uma sombra —, por enquanto isso me convém. Estou me escondendo, sei disso, estou sendo covarde, mas neste exato momento preciso ser invisível, ser o tipo de pessoa que não desperta nenhuma curiosidade. De modo que eles nunca precisem descobrir quem eu realmente sou — nem o que aconteceu em Melbourne.

Fecho meu livro e começo a guardar o que sobrou do meu almoço.

— Espere. — Alice põe a mão em meu joelho. Encaro-a o mais friamente que posso, e ela a tira. — Estou falando sério. Quero mesmo que você vá. E acho que o que você disse para Dan na semana passada foi fantástico. Gostaria muito de ser capaz de pensar em coisas desse tipo para dizer, mas nunca consigo. Não sou tão ágil assim. Sabe, eu nunca teria pensado nos sentimentos daquela mulher daquele jeito. Não antes de ouvir você dar aquela bronca em Dan. Sério, você foi ótima, o que disse estava muito certo, e você realmente mostrou a ele o idiota que ele é.

Sei imediatamente a que Alice está se referindo — a única vez que eu tinha baixado a guarda e me esquecido de mim mesma por um momento. Não costumo mais enfrentar as pessoas. Na verdade, essa é uma coisa que me esforço muito para evitar em minha vida diária. Mas o modo como Dan Johnson e seus amigos haviam se comportado duas semanas antes tinha me repugnado tanto, que não consegui me conter. A escola convidara uma pessoa para nos falar sobre planejamento de carreira e ingresso na universidade. Sem dúvida a palestra foi chata, já tínhamos ouvido aquilo um bilhão de vezes e a mulher que falava, por estar muito nervosa, gaguejava, hesitava e fazia rodeios confusos, o que só ia piorando à medida que a plateia ficava mais ruidosa, mais agitada. E Dan Johnson e seu grupo de amigos medonhos tinham se aproveitado dela. Foram tão cruéis e deliberadamente destrutivos, que a mulher acabou saindo da sala aos prantos, humilhada. Depois que tudo terminou, parei atrás de Dan no corredor e dei-lhe um tapinha no ombro.

Ele se virou com um olhar presunçoso, convencido, claramente prevendo algum tipo de aprovação ao seu comportamento.

— Alguma vez já passou por sua cabeça — comecei, minha voz surpreendentemente forte, inflamada de raiva — quanto você feriu aquela mulher? Essa é a vida dela, Daniel, a carreira, a reputação profissional dela. Sua patética tentativa de chamar a atenção significa uma enorme humilhação para ela. Tenho pena de você, Daniel, que deve ser muito triste e pequeno por dentro para precisar derrubar uma pessoa daquele jeito... alguém que você nem conhece.

— Você foi maravilhosa — continua Alice. — E, para ser franca, eu fiquei surpresa. Bem, acho que todo mundo ficou. Ninguém fala com Dan daquele jeito. — Ela balança a cabeça. — Ninguém.

“Bem, eu falo”, penso comigo mesma. Pelo menos meu eu verdadeiro fala.

— Aquilo foi admirável. Corajoso.

E foi esta a palavra que me mobilizou: “Corajoso.” Quero muito ser corajosa. Quero tanto que a covarde em mim seja apagada, despedaçada e destruída, que não consigo mais resistir a ela.

Levanto-me e penduro a bolsa no ombro.

— OK — digo, para minha própria surpresa. — OK, eu vou.

2

Alice insiste em que nos arrumemos juntas para a festa. No dia marcado, pouco depois da hora do almoço, apanha-me em seu carro, um fusca velho e castigado, e me leva para sua casa. Ela mora sozinha — conta-me enquanto segue a toda velocidade, costurando entre as faixas muito mais depressa que qualquer motorista com carteira está autorizado a fazer — num apartamento de quarto e sala no centro da cidade. Fico surpresa com isso; na verdade fico atônita. Tinha imaginado que uma pessoa como Alice moraria com os pais devotados numa casa confortável, num bairro residencial. Tinha imaginado que ela fosse mimada, cuidada, paparicada (exatamente como eu era), e o fato de morar sozinha faz com que ela de repente pareça mais interessante, mais complexa do que eu havia imaginado. Fica claro que eu e Alice temos mais em comum do que eu pensava.

Tenho vontade de fazer um milhão de perguntas — Onde estão seus pais? Como consegue pagar um apartamento? Nunca sente medo? Não se sente sozinha? —, mas fico quieta. Tenho meus segredos e aprendi que fazer perguntas só serve para me expor ao risco de ser interrogada também. É mais seguro não ser muito curiosa em relação aos outros, é mais seguro não perguntar.

O apartamento dela fica num prédio de tijolos de aparência muito comum. O vão da escada é escuro e pouco convidativo, mas, quando chegamos ao apartamento, ofegantes depois de escalar quatro lances de escada, ela abre a porta para uma sala muito colorida e acolhedora.

As paredes são de um laranja escuro e estão decoradas com grandes e brilhantes telas abstratas. Dois enormes sofás, de aspecto muito macio, estão forrados de tecido vinho e cobertos de almofadas coloridas com motivos étnicos. Velas apagadas cobrem cada superfície horizontal.

— *Voilà!* Minha humilde morada. — Alice me arrasta para dentro e observa meu rosto, cheia de expectativa, enquanto passo os olhos pela sala. — O que acha? Fiz tudo sozinha, sabe? Você precisava ter visto isto quando me mudei para cá: era muito sem graça e feioso. Mas é impressionante o que um pouquinho de cor pode fazer por uma sala. É preciso só um tiquinho de criatividade e um pouco de tinta colorida.

— É muito bacana — digo. E não posso evitar sentir uma pontinha de inveja. O apartamento de Alice é tão expressivo e original, tão mais jovial que o apartamento minimalista e moderno em que moro.

— É mesmo? Gosta mesmo dele?

— É — respondo, rindo. — Gosto mesmo.

— Fico tão contente! Quero que você goste dele tanto quanto eu, porque, pelos meus planos, vamos ter muito tempo juntas. E posso ver a gente passando muito tempo aqui mesmo, nesta sala, conversando, conversando e conversando, partilhando nossos preciosos segredos até altas horas da noite.

Já ouvi dizer que as pessoas encantadoras, poderosas, têm o dom de nos fazer sentir como se fôssemos a única criatura no mundo, e agora sei exatamente o que isso significa. Não sei bem o que ela faz, ou como faz — outra pessoa teria parecido excessivamente ávida, até obsequiosa —, mas, quando Alice

me dá atenção dessa maneira, eu me sinto radiante, reconfortada pela certeza de ser plenamente compreendida.

Por um breve e insano momento, imagino que conto a ela meu segredo. Vejo a cena claramente. Alice e eu nessa sala; as duas um pouco bêbadas, dando risadinhas, felizes e ligeiramente acanhadas com o sentimento de ter feito uma nova amiga, uma amiga especial; ponho a mão no joelho dela para que fique quieta e calada, para que saiba que estou prestes a dizer uma coisa importante, e então lhe conto. Falo depressa, sem fazer pausas, sem a olhar nos olhos. E, quando termino, ela se mostra afetuosa, pronta a perdoar e a compreender, como eu havia esperado. Ela me abraça. Está tudo bem, e sinto-me mais leve por ter contado. Estou livre.

Mas tudo isso é só um sonho. Uma fantasia louca. Não lhe conto nada.

Estou usando meu traje usual, jeans, camisa e botas, e trouxe um pouco de maquiagem comigo para aplicar antes de irmos para a festa, mas Alice insiste para que eu use um vestido. O closet dela está abarrotado deles, de todos os comprimentos, cores e estilos. Deve haver pelo menos cem, e alguns ainda estão com a etiqueta. Pergunto a mim mesma onde ela consegue o dinheiro, como tem condições de comprar tanta roupa e, mais uma vez, fico tentada a perguntar.

— Tenho um pequeno vício por roupas — diz ela, sorrindo.

— É mesmo? — respondo brincando. — Eu nunca teria adivinhado.

Alice se enfia no closet e começa a tirar vestidos. Joga-os na cama.

— Aqui. Escolha um. Nunca usei a maioria destes. — Ela levanta um azul. — Gosta?

O vestido é bonito, mas eu já bati o olho no que realmente gostaria de usar. É vermelho com estampas em *paisley*, um

vestido-envelope amarrado na cintura, feito de algum tipo de tecido stretch.

Parece algo que minha mãe poderia ter usado nos anos 1970, e combinaria lindamente com as botas de cano alto que estou usando.

Alice está me observando. Ela ri e pega o vestido vermelho.
— Este?

Faço que sim com a cabeça.

— É lindo, não é? — Ela o aperta contra si e olha no espelho. — Caro também. É um Pakbelle and Kanon. Você tem bom gosto.

— É bonito. Por que não vai com ele? Ainda está com a etiqueta, nunca foi usado. Provavelmente você estava guardando...

— Não. Vou usar outra coisa. Algo especial. — Ela segura o vestido na minha frente. — Experimente.

O vestido serve perfeitamente e, como eu suspeitava, combina com minhas botas. O vermelho realça minha pele morena e meu cabelo escuro, e abro um sorriso feliz para a Alice no reflexo do espelho. Sinto-me empolgada agora, contente por ter concordado em vir.

Alice vai à cozinha e pega uma garrafa na geladeira. É champanhe. É *rosé*.

— Delícia — diz ela, beijando a garrafa. — Meu único e verdadeiro amor. E, ei, na verdade, desde ontem tenho o direito de beber.

Ela abre a garrafa, apontando a rolha para o teto, e, sem perguntar se quero, serve uma taça para cada uma de nós. Leva a dela para o banheiro para tomar uma chuveirada e se vestir, e quando sai eu levanto minha taça e tomo um golinho. Não bebo nada de álcool desde a noite em que minha família foi destruída. Nem uma gota. Mas, afinal, também não me divirto com uma amiga desde então, de modo que levo novamente

a taça à boca e deixo-me deliciar com a sensação das bolhas nos lábios, sobre a língua. Deixo mais um golinho escorregar pela garganta e imagino que posso sentir o efeito imediatamente, o álcool correndo por minhas veias, fazendo meus lábios formigarem, deixando minha cabeça leve. O champanhe é doce e fácil de beber, como um licor, e tenho de me conter para não tomar tudo rápido demais.

Saboreio cada gole, desfrutando a maneira como meu corpo relaxa pouco a pouco enquanto bebo. Quando a taça fica vazia, estou mais feliz, mais leve, mais despreocupada — *uma menina de 17 anos normal* — e me deixo cair no sofá colorido de Alice, rindo de absolutamente nada. Ainda estou lá sentada, sorrindo, apreciando o peso confortável do meu corpo na cadeira, quando ela volta à sala.

— Uau, Alice! Você está... — dou de ombros, incapaz de encontrar uma palavra adequada. — Você está deslumbrante!

Ela ergue os braços e gira na ponta dos pés.

— Ora, muito obrigada, Senhorita Katherine — diz.

Alice é bonita; extraordinariamente bonita. É alta, tem seios fartos, pernas longas e bem-torneadas, e o rosto é uma imagem da perfeição: olhos de um azul intenso e glorioso, pele dourada e luminosa.

Não sou propriamente feia, mas ao lado dela sinto-me completamente comum.

Enquanto esperamos nosso táxi, Alice leva nossas taças vazias para a cozinha e volta a enchê-las de champanhe. Quando me levanto para pegar minha taça, minha cabeça gira um pouco. Não é uma sensação desagradável — na verdade, sinto-me à vontade, solta e relaxada. E essa sensação, essa felicidade estonteante, essa impressão de que o mundo é um lugar bom e amistoso de repente parece muito familiar, e percebo quanto ela me assusta. É a peça que o álcool pre-

ga em nossa mente — convencendo-nos a baixar a guarda, a encarregar o mundo de tomar conta de nós —, mas sei que essa sensação de segurança é apenas uma perigosa ilusão. O álcool nos estimula a correr riscos que normalmente não correríamos — significa que fazemos escolhas estúpidas. E, mais que qualquer pessoa, eu sei como as consequências de uma única má escolha podem ser devastadoras. Vivo com elas todos os dias.

Aceito a taça, mas só finjo beber, mal deixando o líquido molhar meus lábios, e, quando o táxi chega, despejo o restante na pia.

Alice alugou o salão de baile na cobertura do Hotel Lion. É imenso e grandioso, com enormes janelas de madeira e vistas magníficas da cidade. Há balões brancos, toalhas de mesa brancas, uma banda. Há garçons polindo taças de champanhe e travessas de canapés que parecem ter sido caros. E, sendo essa uma festa privada, ninguém nos pede identidade quando Alice pega champanhe para nós duas.

— Isto é fantástico. — Olho para Alice, curiosa. — Sua mãe e seu pai fizeram tudo isto para você?

— Não — responde ela com um risinho de desdém. — Eles não saberiam nem como oferecer um churrasco, muito menos uma festa assim.

— Eles moram em Sydney?

— Quem? — pergunta ela, franzindo a testa.

— Seus pais.

— Não. Graças a Deus, não. Eles vivem no Norte.

Pergunto a mim mesma como Alice tem condições de morar em Sydney, como paga o aluguel. Eu tinha pensado que os pais a sustentavam, mas agora isso parece improvável.

— Seja como for — digo. — É muita delicadeza sua dar uma grande festa como esta para seus amigos. Acho que eu nunca seria capaz de ser tão generosa. Iria preferir gastar o

dinheiro comigo mesma. Uma viagem pelo mundo ou alguma curtição desse tipo.

— Generosa? Você acha? — Alice dá de ombros. — Na verdade, não é isso. Gosto de festas. Principalmente quando giram em torno de mim. Não poderia pensar em nada melhor. E, de todo modo, não estou interessada em viajar para o exterior.

— Não?

— Não conheço ninguém em outros países, ninguém me conhece. Para que iria?

— Ah. — Sorrio. Pergunto a mim mesma se ela está brincando. — Posso pensar em algumas coisas boas que isso permitiria. Nadar no Mediterrâneo, ver a Torre Eiffel, a Grande Muralha da China, a Estátua da Liberdade... e sem conhecer ninguém. Imagine como deve ser libertador. — Noto que Alice me olha com ceticismo. — Você realmente não tem interesse?

— Não. Gosto daqui. Gosto dos meus amigos. Gosto da minha vida. Por que iria querer ir embora?

— Porque... — estou prestes a lhe falar sobre minha intensa curiosidade em relação ao mundo inteiro, a fascinação que sinto por idiomas e estilos de vida diferentes, pela história da humanidade, mas somos interrompidas pela chegada dos primeiros convidados.

— Alice, Alice! — exclamam eles, e vejo-a subitamente cercada por pessoas, algumas que reconheço da escola, outras, mais velhas, que nunca tinha visto antes. Algumas estão vestidas muito formalmente, de vestido longo e de terno e gravata; outras, informalmente, de jeans e camiseta, mas todas têm uma coisa em comum: querem um pedaço de Alice, uma fração de seu tempo; querem ser o foco de sua atenção, fazê-la rir. Todas, sem exceção, querem que ela as aprecie.

E Alice se espalha por toda parte, faz com que todos os convidados se sintam bem-vindos e à vontade, mas por algu-

ma razão é comigo que escolhe passar a maior parte da noite. Sempre de braço dado comigo, me arrasta de grupo em grupo e me envolve em todas as conversas. Dançamos juntas e observamos o que diferentes pessoas estão vestindo, quem estão azarando, quem parece estar atraído por quem. Passo horas maravilhosas. Não me divertia assim havia anos. E, enquanto estou lá, não penso em minha irmã nem uma única vez, nem em meus pais arruinados. Danço, rio e flerto. Temporariamente esqueço a noite em que compreendi a horrível verdade sobre mim mesma, esqueço tudo o que tem relação com a noite em que descobri a covarde imunda e vergonhosa no âmago da minha alma.